

A LÍNGUA FRANCESA EM MINAS GERAIS NO SÉCULO XIX: PRÁTICAS CULTURAIS E ESCOLARES ¹

*[THE FRENCH LANGUAGE IN MINAS
GERAIS IN THE XIX CENTURY:
CULTURAL AND SCHOOL PRACTISE]*

RITA CRISTINA LIMA LAGES

Professora do Departamento de Letras – ICHS/UFOP, Mariana, Minas Gerais, Brasil.
[ritallagens@yahoo.com.br]

¹ Palestrada apresentada na XIII Semana de Letras – DELET/ICHS/UFOP – *Culturas da Escrita, Culturas da Oralidade*, no período de 24 a 27 de novembro de 2015.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o processo de escolarização da língua francesa na instrução pública da província de Minas nas primeiras décadas do século XIX. Evidenciava-se nesse período uma ambiência cultural marcada por forte influência francesa que se dava, sobretudo, pela circulação e usos de impressos, o que apontava a França como grande produtora e comerciante de conhecimentos. É nesse contexto que a língua francesa foi proposta e instituída como disciplina escolar na instrução pública em 1831.

PALAVRAS-CHAVE

Língua Francesa; Minas Gerais; Século XIX

ABSTRACT

This study aims at investigating the process which included the French language in the public schools of the province of Minas Gerais in the early decades of the XIX century. During that time, a strong cultural influence of the French language was marked by the circulation of printed materials, which suggested France as being a powerhouse when it came to both knowledge production and commercialization. It is in such context that the French language emerged as a public school subject in 1831.

KEYWORDS

French Language; Minas Gerais; XIX Century

Pretende-se, neste artigo, analisar as práticas culturais e escolares da língua francesa no Brasil e, de modo mais específico, em Minas Gerais, no século XIX. Pesquisas que tratam da história do livro e da leitura no Brasil apontam para a presença predominante da língua francesa nesse domínio, sobretudo a partir das primeiras décadas do século XIX, período no qual o francês passa a concorrer com o latim, no que diz respeito ao papel de língua franca. Títulos diversificados, publicados em francês, compõem acervos de livrarias, de bibliotecas públicas e particulares. A leitura dos impressos periódicos igualmente nos mostra a forte circulação da cultura e da língua de Molière, naquele contexto. As práticas da língua francesa evidenciam-se nos jornais de modos bem variados, a saber: por meio de epígrafes, de traduções de trechos de autores franceses, de anúncios de vendas de livros e de aulas particulares. Através dos anúncios, também são oferecidas mercadorias vindas da França, principalmente aquelas dedicadas ao gênero feminino.

Quanto às práticas escolares, a língua francesa passa a desfrutar, a partir do início do século XIX, uma hegemonia como língua estrangeira moderna, tanto nos estabelecimentos particulares - em sua maioria, os religiosos - quanto na instrução pública. No ano de 1831, é criada, em Minas Gerais, a primeira cadeira avulsa - ou aula pública - de francês, na cidade de Mariana.

A língua francesa nas práticas culturais

As impressões do viajante:

Do relato de Saint-Hilaire (1974) merecem ser apresentados aqui dois trechos em que o viajante fala sobre a prática da língua francesa na Província de Minas Gerais:

Minha tarefa não estaria perfeita se, após ter dado a conhecer a situação da capital do Distrito dos Diamantes, seu clima, seus edifícios públicos, eu não dissesse qualquer coisa a respeito dos habitantes desta bela aldeia. Em toda a Província de Minas encontrei homens de costumes delicados, cheios de afabilidade e hospitaleiros; os habitantes de Tijuco não possuem tais qualidades

em menor grau, e, nas primeiras classes da sociedade elas são ainda acrescidas por uma polidez sem afetação e pelas qualidades de sociabilidade. Encontrei nesta localidade mais instrução que em todo o resto do Brasil, mais gosto pela literatura e um desejo mais vivo de se instruir. Vários moços (1818), cheios de nobre entusiasmo, aprenderam o francês, sem terem mestre; conhecem nossos melhores autores e alguns mesmo, praticando muito entre si, chegaram a falar nossa língua de modo inteligível com o auxílio único de uma gramática muito mal escrita. (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 33).

Era desejo meu aproveitar a estada no rancho de José Henriques, para escalar a Serra do Itacolomi, montanha que domina Vila Rica, alta de 950 toesas acima do nível do mar, segundo Sr. Eschwege. O erro de um guia fez abortar meu projeto; mas, devo á ignorância desse homem o prazer de rever a cidade de Mariana. Quase à chegada dessa cidade fui surpreendido por uma tempestade. Refugiei-me em uma casa situada à margem da estrada, sendo perfeitamente recebido pelo proprietário. Um dos que se achavam presentes dirigiu-me a palavra em francês, e falava tão bem essa língua que não pude deixar de lhe perguntar se havia viajado pela França; respondeu-me que não. Supus então que esse homem podia ter sido educado em um colégio fundado em Portugal por D. Marquet, antigo superior do colégio de Pontlevoy; dei-lhe a conhecer tal conjectura e vi que não me havia enganado. Eu havia passado em Pontlevoy os primeiros anos de minha infância e tivera D. Marquet por professor. Encontrar um de seus alunos tão longe da França era para mim como se encontrasse um velho companheiro. (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 86).

Os dois casos da prática da língua francesa em Minas Gerais, relatados por Saint-Hilaire, trazem informações preciosas sobre as possíveis formas de aprendizagem da língua, no início do século XIX, a qual se deu antes da conformação da língua como um saber escolar. Era possível, portanto, aprender francês em oportunidades de viagens com fins de estudos, como no segundo exemplo, ou por meio da leitura de autores franceses, ou, ainda, usando uma gramática, cujo nome ou autor não foi possível identificar neste estudo. Por meio desses exemplos, permite-se saber que a língua e a cultura francesas, à época, eram praticadas, quer pela leitura de impressos, quer pela *fala* - que podia ser aprendida de modos diferenciados.

Estudantes mineiros na Europa:

Conforme relato de Saint-Hilaire, o envio de estudantes à Europa se constituía como uma das possibilidades de aprendizado da língua francesa. Enviar os filhos para estudar na Europa era um empreendimento das “famílias mais distintas” da província mineira, como deixa bem evidente um exemplo estampado nas páginas do jornal *Astro de Minas*, de São João Del Rei, em 1828. Em uma seção do periódico denominada Necrologia, deparamo-nos com uma homenagem de falecimento, introduzida pela seguinte citação: “Cethommage, quelquefaiblequ’ilsoit, soulagemoncoeurdansladouleurlinalterable à laquelleil est desormaiscondamné (DeGerando).”

Na oportunidade, homenageou-se:

Faustino José de Azevedo, pertencente a uma das mais distintas famílias da Villa da Campanha da Princeza, Bacharel em Filosofia pela Univ. de Coimbra, Doutor em Medicina pela de Mont-Pellier. (O ASTRO REI, 1828, p. 5).

O envio de estudantes para Europa se manifestou também no projeto de escolarização da província. Como um dos empreendimentos desse projeto da elite dirigente, a Lei nº 13, de 1835, a primeira elaborada para organizar a instrução pública da província mineira, prevê, em alguns dos seus artigos, o envio de dois estudantes mineiros à França, para aprenderem o melhor método de ensino praticado nos países civilizados. Primeiramente, foram enviados dois estudantes que permaneceram naquele país entre 1836 a 1838. Segundo os estudos de Carla Simone Chamon (2002),

essas viagens significavam a possibilidade de experiências novas, de entrar em contato direto e absorver os ‘códigos de civilização’.[...] Por isso, dessas viagens, esses sujeitos deveriam voltar mais sábios e competentes, capazes de organizar de maneira eficaz a instrução pública. (CHAMON, 2002, p. 608).

Livros para a Biblioteca de Ouro Preto:

Tomemos primeiramente, para exemplificar a circulação e os usos de livros e impressos franceses na Província de Minas Gerais, um documento encontrado em minhas pesquisas, no Arquivo Público Mineiro (APM). Trata-se de uma correspondência, de 16 de abril, de 1841, re-

ferente à compra de livros, no Rio de Janeiro, solicitada pela Presidência da Província, para compor a Biblioteca Pública de Ouro Preto (MINAS GERAIS, PP 1/42, cx 13, pacotilha 10).

Ao tentar empreender algumas análises sobre o *Catálogo*, assim definido pelo comprador, composto de 371 volumes, é interessante notar algumas peculiaridades da prática das compras feitas em leilão por lotes inteiros: a quase totalidade dos títulos do Catálogo é em língua francesa; mesmo alguns títulos em português eram de autores franceses, o que pode pressupor uma tradução do título da obra na sua transcrição para a lista.²

A propósito da lista, destaco a compra de nove dicionários. Tal compra, efetuada por meio de leilões, leva-me a pensar sobre o uso e a utilidade de alguns deles, considerando certos títulos.³

Essa compra por lotes inteiros apresenta outros aspectos também relevantes para estudos. Entre as obras dos autores clássicos que circulavam na época, aquelas que tratam do tema das viagens são também bastante expressivas.⁴

Para finalizar sobre os itens do *pacote* dessas obras, vale ainda citar alguns livros que ilustram a característica de uma biblioteca diversificada no que diz respeito aos seus conteúdos: entre as obras de autores clássicos, franceses ou latinos, aquelas de história e geografia ou literatura, encontram-se livros que poderiam ser classificados como técnicos, denominados manuais, que ensinam como fazer algo.⁵

Também esse domínio francês na produção e circulação de saberes, nos mais diversos domínios, conforme foi demonstrado, vem assentar a língua francesa no lugar de detenção desses saberes, antes ocupado pelo latim.

² Entre os autores e suas obras, podem ser citados alguns exemplos: *Essais*, de Montaigne; *Oeuvres Completes*, de Mably; *De la Découverte en Amérique*, de Tocqueville; *Historia da França*, por Millot; De Pradt (vários); *Obras Completas*, de Volney; *Economia Política*, de Perrard; Droz, *Economina* [...]; *História Filosófica e Política dos Europeus nas Índias*, de Raynal; *Obras Completas*, de Racine; *Logica de Condillac*; *Novo Dicionário de Francez Portuguez*, de Fonseca; *Dicionário da Academia Franceza*; *Diccionario Universal da Lingua Franceza*, de Nodier. Esses títulos foram privilegiados para citação, em primeiro lugar, para mostrar que grande parte dos autores encontrados na lista não difere daqueles encontrados em outros catálogos já analisados pelos estudiosos do tema e, por sua vez, já mostrados aqui; e, em segundo, porque essa citação é importante para as análises sobre o funcionamento escolar da língua francesa, sobretudo no que diz respeito à mobilização de conteúdos para a sua prática escolar.

³ Além daqueles de francês/português ou inglês/português, que, *a priori*, poderiam supor ser de maior uso, podemos encontrar estes: *Diccionario Francez Hespanhól e Hesp. Francez*, *Diccionario Francez Italiano*, *Diccionario Francez Inglez*.

⁴ Aí figuram, além de Robison Crusoé, *Le Nouveau Robison Crusoé*, Manuel du Voyager, *Bibliothèque du Voyager*, vários relatos e guias de viagem.

⁵ Dentre eles podem ser citados: Manuel du Chandelier, de l'Orlogier, du Fabricant de Chapeaux, du Vignerón; *Art de Coiffer*.

Jornais mineiros:

Os estudos de Marco Morel (2005) trata do forte poder da imprensa no estabelecimento de complexas redes de sociabilidade - nesse caso, para as transformações do espaço público do Rio de Janeiro, em meados do século XIX. Julgando de grande pertinência os estudos desse autor, são, portanto, os periódicos tomados aqui como grandes potencializadores da circulação e usos da língua francesa na Província de Minas Gerais.

Na leitura dos periódicos mineiros da época, foram eleitos para essa finalidade o *Astro de Minas*, de São João Del Rei (1827-1839), *O Universal*, de Ouro Preto (1825-1842), *O Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública*, de Ouro Preto (1832-1834), e *O Vigilante*, de Sabará (1833-1835). Além de serem impressos que tiveram uma vida mais longa, contemplando melhor assim o período estudado, foram aqueles nos quais se identificou com mais facilidade essa prática dos anúncios, justificada, possivelmente, por serem jornais produzidos nos maiores centros culturais da província mineira, indiciando, pois, maior abrangência de leitores.

Traduções de autores franceses:

Com maior intensidade, encontrei no *Universal* e no *Astro de Minas*, ao longo de suas existências, a citação de traduções de autores franceses, que ocupavam grandes espaços nos jornais, era muito frequente, pelo tamanho do texto traduzido, a citação em números seguidos. Nos periódicos citados, identifiquei a tradução de trechos de autores como Chateaubriand, Condorcet, Montesquieu, Droz, Pascal, Madame Geoffrin, DelaBruyère, Montaigne etc. Além dos autores franceses, a tradução também se manifestava como prática nas seções dos jornais que se dedicavam a mostrar as notícias do exterior. Não só da França, evidentemente, mas também daquelas provenientes de outros países.

Epígrafes:

Foram identificadas epígrafes em francês, ou de autores franceses traduzidos, nos seguintes periódicos: o *Astro de Minas*, de São João Del Rei;

O Universal, de Ouro Preto; *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública*, também de Ouro Preto; *O Vigilante*, de Sabará.

O periódico *O Universal* (Ouro Preto, 1825-1842) utilizou, ao longo de sua existência, epígrafes citadas na própria língua francesa ou traduzidas de autores franceses. Vejamos algumas delas:

Rien n'est beau que le vrai; le vrai Seul est aimable. (VOLTAIRE, 1825)

Le peuple seule a le droit incontestable, inalienable et imprescriptible d'instituer le gouvernement, et aussi de reformer, le corriger, ou le changer totalement, quand sa protection, sa sureté, sa propriété et son bonheur l'exigent. (BONNIN, 1831)

A ordem é banida dos lugares onde habita a tirania: a Liberdade se desterra dos paizes onde a desordem reina; estes dous bens deixão de existir, quando os semparão. (DROZ, 1838)

Epígrafe do *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública* (Ouro Preto, 1832-1834): “Igualdade, Liberdade, Justiça: eis d’ora em diante a nosso Código, e o nosso estandarte.” (VOLNEY).

Epígrafes do periódico *O Vigilante*, jornal da Sociedade Pacificadora (Sabará, 1833-1835):

Unis en faisceau vous serez invisibles, pris separement vou serez brisés comme des roseaux. (VOLNEY, 1833).

Voilà les effets de l’ union: Unis en faisceau vous serez invisibles, pris separement vou serez brisés comme des roseaux. (VOLNEY, 1833).

Epígrafe do *Astro de Minas* (São João Del Rei, 1827-1839): “Plus...l’instruction deviendra commune á tous les hommes, plus aussi les delits seront rares dans la société.” (BONNIN).

Ao tratar da prática dessas epígrafes, seja na própria língua ou de forma traduzida, surgem duas questões fundamentais para a análise da circulação e usos da língua: uma delas é dada pela promoção feita pelo pe-

riódico, ao mostrar a própria língua, o que já pressupõe leitores receptores aptos para uma leitura no próprio idioma, indiciando, assim, a difusão de uma prática de aprendizagem desse saber.

Anúncios

Os anúncios selecionados para a análise da circulação e usos da língua francesa foram alguns entre aqueles que diziam respeito à venda de livros, às aulas particulares, além daqueles de franceses nativos, circulantes na província, que ofereciam seus serviços e, de acréscimo, algumas variedades.

Sobre venda de livros, foram encontrados alguns anúncios:

Quem quiser comprar livros compendio de Agricultura 5 volumes; e Contrato Social de J. J. Rousseau: dirija-se à botica junto ao Paço no largo da cadeia. (O ASTRO DE MINAS, p. 4, 31 jan. 1828).

Acham á venda nesta Typografia a Constiuição do Império a 320 – Modo breve e facil de pronunciar os vocabulos e diptongos da LinguaFranceza a 80 réis. (O ASTRO DE MINAS, 15 jan. 1828, p. 4)

Acham-se à venda em Casa de Martiniano Severo de Barros [...] a celebre obra intitulada = Aplicações da Moral á Política = por José Droz traduzida do Francez pelo Dr. João Candido de Deos e Silva, seo preço 1\$200. (O ASTRO DE MINAS, p. 41, 4 ago. 1834).

Ao dispor do Sr. Cirurgião Mor José Luiz de Brito na Cidade de Marianna acha-se á venda uma Collecção dos melhores Authores de Medicina, e Cirurgia, e varias outras obras de Literatura. Acha-se mormente o Diccionario das Sciencias Medicas, composto por 60 Sábios da Universidade de Pariz; o qual custou 200\$rs, e da-se agorapor 60\$. Também tem o Diccionario da Academia Franceza do anno de 1814, obra indispensável para quem quer escrever a lingoaFranceza puramente. N.B: Não se vendendo até 20 de abril, não se vendem mais. (O UNIVERSAL, p. 48, abr. 1831).

Vende-se os seguintes livros, por ter seu dono de se retirar brevemente para a Corte do império, por preço comodo e perfeitos ainda.

Bocage 7 volumes. Poesias de Antoni Diniz da Cruz e Silva, 6 vl. Perrard

Filosofia, 2 v. Loromiguière (Filosofia, 3. encadernados ricamente. Poesias de Nicoláo Tolentino d'Almeida, 3vol. Lusíadas de Camoens 1 vol.

Versificação portuguesa 1 vol. DicionariosPortuguezes, contendo mais de 20:000 termos novos pertencentes ás artes, officios e sciencias3 vol.Diccionarios de consoantes, e francezportuguez 2 vol. Meditação, Poema do P. José A. de M. 1 vol.

Além d'estes livros há também outros, e principalmente poeticos. Na Rua Santa QuiteriaNumero 16. (O UNIVERSAL, 17 ago. p. 4, 1840).

Sobre a prática da língua, merecem destaque as obras que indicam os modos de aprendizagem como esta do *Modo breve e facil de pronunciar os vocabulos e diptongos da LinguaFranceza*, anunciada no *Astro de Minas*. Os dicionários - que aparecem de forma expressiva, sejam nos catálogos das bibliotecas, sejam nos anúncios - também ocupam lugar central nessa materialidade indiciadora das práticas, uma vez que são importantes instrumentos para a tradução.

Em seus estudos sobre o funcionamento da Sociedade Literária de São João DelRei, em meados do século XIX, Morais (2002, p. 114) fala do uso fundamental do dicionário nas práticas de leitura que ali se deveriam dar normatizadas por um estatuto próprio, que previa uma leitura de forma silenciosa, sendo as eventuais dúvidas solucionadas pelas obras de referência como os dicionários que “estariam sempre na sala”, e nunca deveriam ser retirados do Gabinete.

Dos periódicos consultados, o anúncio a seguir foi o único com aulas de francês para o público feminino. Dona Margarida de Cartona de Aguiar Andrade anuncia a abertura de um curso para meninas e se propõe a ensinar:

[...] a ler, escrever e contar, dançar, bordar, ler e falar a linguaFranceza e os principios da Muzica.

[...] e assevera ao respeitável Público que empregará todos os seus esforços possiveis para bem desempenhar a honroza, e penoza, tarefa que se propõe, dirigindo a educação das Jovens Donzelas que lhe forem confiadas. (ASTRO DE MINAS, p. 4, 28 jan. 1828).

Outros anúncios de aulas particulares de francês:

Amelio Pralon, ex-oficial do Corpo Imperial de Engenheiros do Brasil [...] se propoem a dar nesta cidade lições da Lingua Franceza, e de Mathematica. (O UNIVERSAL, p. 4, 27 maio 1834).

Pedro Ponço Estrangeiro, novamente chegado nesta imperial cidade, tem a honra de prevenir o respeitável que pretene abrir uma aula de ensino da Lingoa Francesa [...]. (O UNIVERSAL, p. 4, 2 maio 1834).

Na Villa de S. Bento do Tamanduá a 21 do mês de maio p. p. teve lugar a abertura de duas Aulas, huma de Grammatica Latina e outra Franceza, prestada por Joaquim Camilo de Brito [...] o qual exige por cada alumno(em compensação de seu trabalho 30\$000rs annuaes) o que dar se há adiantado pó trimestre. (ASTRO DE MINAS, p. 4, 5 jun. 1834).

Dos professores Públicos⁶, quando o ensino do francês já era praticado, seja como aulas avulsas, ou em colégios, esses dois anúncios, respectivamente, dos professores de francês e inglês, do Colégio Nossa Senhora da Assunção, primeiro estabelecimento público de ensino secundário da Província de Minas Gerais, em 1839, mostram a diversidade de matérias que eles se propunham a ensinar, em suas aulas particulares:

Se acha publica a Aula para as prelecções da Lingua Ingleza. [...].

Também destina os seus litterarios serviços a todos aqueles Srs. os principios elementares de Philosophia Racional, e Rethorica; Arithmetica, e Geografia; Curso de Latinidade, Lingua Franceza, e Geografia. Elias Diogo e Costa. (O UNIVERSAL, 18 nov. 1839).

Mr. Robert Martel, actual professor d'Inglez no Collegio desta Cidade, tem a honra de prevenir ás pessoas que desejarem tomar lições, que elle ensinará as línguas Ingleza, e Franceza [...]. (O UNIVERSAL, p. 4, 5 jun. 1840).

Anúncios de outros serviços e mercadorias (ao modo de Gilberto Freyre):

Dos anúncios - do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco - descritos por Freyre (1940), sobre os franceses que ofereciam diversos servi-

⁶ Esse era o título empregado para designar os professores que ensinavam na Instrução Pública.

ços técnicos, ainda nas primeiras décadas do século XIX, podemos dizer que, nos periódicos mineiros consultados, foram encontrados alguns deles; nada em grande profusão, ao modo descrito por Freyre. Vejamos alguns exemplos:

Dentistas franceses na província mineira:

HENRIQUE LEMALE, Cirurgião Dentista da Faculdade de Medicina da Paris; estabelecido no Rio de Janeiro, aonde desde alguns annos tem professado sua arte e granjeado geral acceitação do publico conhecedor d'alta Corte, determinou-se a rogo de varias pessoas de distincção das Provincias limítrofes que precisão de seu prestimo, a emprehender uma viagem no interior do Brasil e principalmente da Provincia de MINAS GERAES.

[...] encarrega-se de alimpiar, tirar, chumbar, e limar dentes com toda a perfeição possível, assim como supri-los por outros artificiaes feitos e collocados por elle mesmo, responsabilizando-se por sua segurança e duração [...].

[...] trouxe com-sigo um sortimento de pó dentifico, Opiotoantiescorbutico e escovas de alimpiar os dentes, e um Elixir excellentissimo para a conservação deles. Elle recomenda particularmente aos Srs. Fazendeiros, um especifico infallivel contra as dores de dentes.

[...]. (O UNIVERSAL, p. 4, 6 jul. 1838).

C. Masseran

Cir. Dentista

Discipulo do D. Arson, bem conhecido na Corte do Rio de Janeiro pela perfeição das suas obras Mecânicas.

Acaba de chegar a esta cidade aonde pretende demorar-se algum tempo e convida a todos as pessoas que necessitarem de sua arte [...]. (O UNIVERSAL, p. 4, 21 dez. 1840).

Oferta de serviços bem peculiares, a saber:

Hellis (Francez) [...] tem a honra de participar aos IlmsSrs Cidadãos da Imperial cidade do Ouro Preto, e de Marianna que o dito annunciante se encarrega de alimpiar todas as vestimentas de panno tanto para homem como para Sra. Extrahindonellas qualquer nodoas que sejam ficando o panno com todo lustro. [...] também se alimpiachapeos da Itália, e Chile, dando-lhes boa forma, e firmeza. (O UNIVERSAL, p. 4, 11 nov. 1840).

Mercadorias

Já em 1828, um anúncio do *Astro de Minas*, em São João Del Rei, diz que acabava de chegar da França “um grande sortimento de Mercadorias francezas, mandadas fabricar em Pariz amoldadas ao gosto Brasileiro” (p. 4, 5 jul. 1828). Em Ouro Preto, *O Universal* anuncia “um grande sortimento de “çapatosFrancezes de Marroquim, de todas as cores, muito lindos, e frescos” (p. 4, 10 abr. 1838).

Se o estudo de Freyre (1940), quando trata da hegemonia da cultura francesa - tomando como referência Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco - sugere pensar a prática da língua como mediadora não só de ideias, mas de um *modus vivendi* das classes dominantes à francesa no Brasil Imperial, nas primeiras décadas do XIX - e que será intensificado, segundo Alencastro (2004), na segunda metade do século -, na Província de Minas Gerais. A leitura dos periódicos permitiu ver que os usos da língua, nos quais essa funcionaria como mediadora de ideias (sobretudo pela circulação de livros de autores franceses), já se manifestavam de forma expressiva. Quanto aos modos de vida, os costumes começam apenas a se deixar notar.

A intenção de tratar da presença da cultura francesa no Brasil e na Província de Minas Gerais, nas primeiras décadas do século XIX, se traduz na busca de elementos que permitem analisar e melhor compreender o processo de escolarização da língua francesa na instrução pública da província mineira.

A língua francesa nas práticas escolares

Um dos direcionamentos no tratamento das finalidades inscritas nas práticas de ensino, assim como sugere André Chervel (1990, p. 188-189), seria explorar, primeiramente, um *corpus* constituído por “textos oficiais programáticos, discursos ministeriais, leis, ordens, decretos, acordos, instruções, circulares, fixando os planos de estudos, os programas, os métodos, os exercícios, etc.”. Entre as categorias descritas, foi possível contar com algumas rubricas utilizadas na legislação para classificar a disciplina, além dos *Projectos de Estatutos para os Collegios* (MINAS GERAIS,

SP IP 3/5, cx 4 – pacotilha 2), documentos que permitem pensar como as práticas de ensino da língua eram, *a priori*, concebidas.

Os *Projectos de Estatutos para Collegios*, de 25 de julho de 1837, que classifica a disciplina como gramática da língua francesa, institui que no ensino deverão ser exercitadas as seguintes aptidões: tradução, gramática, fala e escrita:

Cap. 6º, Art. 3º. O segundo curso he o de gramática da Lingoa Francesa, Noções de Geografia e Historia. O Professor desta Cadeira ensinará a Gramática desta Lingoa, a traduzir com elegância qualquer Autor Francês, e exercitará os alumnos a falar, e a escrever corretamente o idioma Francês.

Cap. 3º. Dos meios de Emulação

Art. 1º. Hua vez no anno quando pelo Conselho dos Lentes for resolvido em hua das sallas do Collegio, reunidos os Lentes, Estudantes, e mais pessoas que quizerem concorrer se fará em dia destinado por annuncios se fará a solenne proclamação dos sentidos, que em Lingoa Nacional, Latina ou Francesa d'antemão tiverem sido distribuídos; findo este actoos Estudantes mais adiantados de cada hum dos Cursos farão hua dissertação litteraria, ou representarão hua Peça Theatral em Lingoa Nacional, Latina ou Francesa.

Por sua vez, as atas de exames de professores informam as aptidões exigidas do futuro professor público: tradução (francês/português); versão (português/francês); pronúnciação (na leitura); gramática; conversação.

Temos, pois, nos documentos de prescrição ou avaliação, a gramática, a tradução, a versão, a pronúnciação (na leitura), a composição e a conversação ou fala, compondo o quadro das aptidões que define a concepção das práticas de ensino/aprendizagem do francês como língua estrangeira.

A propósito dos métodos de ensino, elaborou-se, em 1832, um *Projecto de Estatutos para Licêos de Instrução Litteraria Elementar da Província de Minas*, publicado em números seguidos do *Jornal da Sociedade Promotora da Instrução Pública*, de Ouro Preto, no decorrer de 1832. O referido projeto trata a questão dos métodos da seguinte maneira:

CAPITULO II.

Objecto geral da instrução subministrada por cada uma destas Disciplinas.

§. 4º . No methodode ensino das línguas Franceza, e ingleza tratarão os professores de cada uma d'ellas de fazer estudar aos seus discipulos com toda a perfeição as suas gramáticas respectivas; indo de caminho mostrando-lhe as mais notaveisdiferenças, que entre ellas existem, e a grammatica da lingua nacional; os seus idiotismos, elegancias, e bellezas; passando-os logo depois á traducção de alguns livros mais doutrinaes, assim prosaicos, como provas, escriptas nas duas linguas, para o idioma Nacional, e desta para o Francez e Inglez, em cujo ensino deverão com particularidade esmerar-se; afim de que seus discipulos saião peritos o mais possivel na traducção oral, ou por escripto de cada uma destas linguas estrangeiras para a nacional. [...]. (JORNAL DA SOCIEDADE PROMOTORA DA INSTRUCÇÃO PUBLICA, p. 58, 4 out. 1832).

A ideia do método descrito na citação anterior era aprender a língua estrangeira por comparação com a nacional. Isso nos ajuda a apreender um pouco mais desse método de comparação proposto para o aprendizado de línguas uma obra⁷ publicada no final do século XVIII e localizada no fundo de Obras Raras do Arquivo Público Mineiro, APM. Refiro-me ao manual: *Mestre Francez ou Novo Methodo para Aprender com Perfeição, e ainda sem Mestre a Lingua Franceza por meio da Portugueza, confirmado como exemplos escolhidos e tirados dos Melhores Authores,, oferecido á estudiosa Mocidade Portugueza por F.B.D.L. (Lisboa, M. DCC. LXXXI)*. (OR PERI 0023, séc. XVIII, flash 2 – gaveta B-5).

Para se ter uma compreensão sobre a proposta de tal método, tomemos um exemplo do livro:

Das vogais simples

A

Esta letra he de todas as vogais a mais simples, é a mais facil para pronunciar; mas devo advertir, que tem o som mais aberto, e mais claro, do que na lingua Portugueza.

Quando se escreve essa vogal sem accentto, denota a terceira pessoa do verbo auxiliar Haver, *avoir*.

⁷ O uso dessa obra não foi possível ser identificado, apesar de constarem algumas assinaturas de posse na capa.

Elle tem hum livro	Il a un livre	i-láeum livre
Há hum Deos	Il-y-a un Dieu	i-li á eun dieu
Elletm estudado	Il a étudié	i-láétudié (p.2)

A respeito desse método de aprendizagem de línguas por comparação com a nacional, é válido ressaltar a permanência dessa prática que atravessou todo o século XIX e avançou pelo século XX. Isso torna-se evidente, quando a reforma educacional Francisco Campos, de 1931, prescreve 33 Instruções Metodológicas que deviam ser seguidas no ensino das línguas estrangeiras, para o qual, a partir de então, deveria adotar-se o método direto, ou seja, o ensino da língua estrangeira na própria língua estrangeira, e não mais pela mediação da nacional. Seguindo esse novo método, o sentido das palavras não seria mais transmitido pela tradução, mas pela ligação direta do objeto à sua expressão completa e inteligível. O que não significa, contudo, que as práticas tenham se modificado de imediato, mas trata-se de uma circulação de novas ideias sobre a concepção de ensino e de aprendizagem dos idiomas estrangeiros.

Após essa aproximação das concepções de ensino da língua nos textos normativos, o que as práticas cotidianas de ensino construíram? Como eram exercitadas a tradução, a versão, a leitura, a composição, a conversação ou a fala no funcionamento escolar da disciplina? Encontrei alguns documentos produzidos por professores e alunos que, se não me permitiram construir uma hipótese exata, forneceram-me significativos indícios sobre o ensino e a aprendizagem da língua. Localizei, no fundo da Instrução Pública e no da Presidência da Província do APM, correspondências entre professores e o governo que descreveram as práticas realizadas na sala de aula, como também alguns mapas de alunos da aula pública de francês em Mariana, elaborados na ocasião da realização de exames, entre 1836 e 1838.

Os dados trazidos por tais documentos propiciam análises em vários direcionamentos, mas o objetivo é ir ao encontro das seguintes percepções descritas a seguir. Em primeiro lugar, quais conteúdos merecem ser selecionados pela escola e em que medida eles se articulam com os usos não escolares? Em segundo, serão tratadas as finalidades percebidas por meio dos conteúdos dos textos selecionados: que sensibilidades essas leituras possibilitariam desenvolver nos alunos? E, em terceiro, como a escola se apropria

desse saber, ou seja, qual tratamento lhe é conferido na composição das práticas de ensino? E, por último, como esse saber praticado no cotidiano escolar dialoga com as finalidades inscritas nas concepções do ensino?

Sobre a seleção dos conteúdos, os mapas de exames permitem uma aproximação do funcionamento escolar, pois, como afirma André Chervel (1990, p. 206), os exames constituem um importante ponto na arquitetura das disciplinas, uma vez que as necessidades de avaliação dos alunos são produtoras de dois fenômenos que pesam no desenvolvimento das disciplinas ensinadas: um seria a especialização de certos exercícios na sua função de exercícios de controle; e o outro, o “peso considerável que as provas do exame final exercem por vezes sobre o desenrolar da classe e, portanto, sobre o desenvolvimento da disciplina, ao menos em algumas de suas formas” (CHERVEL, 1990, p. 206).

A respeito dos exames realizados na aula de Mariana, entre 1836 e 1838, o professor elaborou mapas (MINAS GERAIS, IP 3/2, cx 1 – pacotilhas 44 e 54; MINAS GERAIS, PP 1/42, cx 12 – pacotilha 70) com as seguintes informações: nomes dos alunos; data de matrícula; observações ou matérias dos exames, onde são listadas as aptidões desenvolvidas; obras escolhidas; além do envio de alguns exames realizados.

No tratamento dos conteúdos, serão consideradas, primeiramente, as obras que se encontram indicadas do seguinte modo:

Autores clássicos escolhidos pelo professor para servir de exame: Jouy, Perrard, Droz, Hammonière, L’Homond, PerrardEscholaLaromiguière. (1836)

Autores clássicos para a leitura e tradução: Laromiguière e Perrard (Lições de Philosophia), Jouy, Télémaque (Aplicação á moral e Política).

Autores clássicos da Gramática: G. Hammonière, L’Homond. (1838).

Percebemos, portanto, nos primeiros momentos de escolarização da língua, a utilização não só de manuais específicos - no caso, as gramáticas - para o ensino, como também de outras áreas do conhecimento, como as de filosofia e belas letras, para se ensinar o francês.

A partir dessas informações, tornou-se possível articular as práticas escolares aos outros usos do francês. Nesse sentido, as orientações de Pierre

Arnaud (1989, p. 31) auxiliam para a melhor compreensão do processo de inserção de uma disciplina nos programas escolares, quando traz para isso a problemática da integração, que além de se constituir das finalidades que lhe deve conferir o legislador, também se desdobra na representatividade cultural, ou seja, as práticas escolares de um saber serão representativas daquelas culturais, uma vez que se pode estabelecer uma relação de identidade ou de proximidade entre essas duas práticas, atentando para a percepção da transformação de uma prática em outra.

Essa breve apresentação dos autores selecionados permite pensar na diversidade de conteúdos mobilizados para o ensino da língua. Ao lado das aventuras do personagem Telêmaco, obra das belas letras do século XVII, imbuída de princípios didático-pedagógicos que possibilitariam desenvolver nos alunos a sensibilidade para uma educação estética, moral e cívica, baseada na imitação dos modelos gregos, encontram-se outros textos, do século XIX, cujos conteúdos tratam de temas contemporâneos da época, como economia, indústria, política, filosofia etc. Pensar na apropriação de tais conteúdos pelos alunos, conforme nos sugere JeanHébrard (1999, p. 77) - naquilo que fazem com esse equipamento mental, do qual a escola lhes dotou, no momento em que se encontram nas redes de sociabilidade que estão implicados - é romper com a ideia de pura instrumentalidade da qual é incorporado o ensino do francês ao ser inserido nos cursos preparatórios da província mineira nas primeiras décadas, do século XIX.

As obras de belas letras, filosofia, economia e política, ao serem trazidas para a escola, de que forma são apropriadas para ensinar francês? Embora listadas nos mapas como aquelas que serviriam para a tradução e leitura, os exames realizados pelos alunos mostram que, na realidade, também são extraídos trechos para servir às análises gramaticais. A transcrição de um exame possibilita ver como isso se operava:

Perrard, T. 1er. p. [196?]

La morale tire son nom du mot grec, qui signifie moeurs

Analyse

La – article singulier feminine qui qualifie morale
Morale– Substantif singulier feminine sujeto du verbe tire.
Tire– verbe actif à la troisième personne du singulier de l’indicatif présent du verbe tirer.
Son – adjectif possessif singulier masculin qui determine nom.
Nom– substantif singulier masculin.
Du– article contracté pour de le.
Mot– substantif singulier masculin
Grec– substantif masculin singulier.
Qui– pronom relatif.
Signifie – verbe actif à la troisième personne du singulier de l’indicatif présent.
Moeurs – substantif des deux genres Pluriel

Joaquim Pinto Monteiro.

(Feito em Aula Pública no dia 15 de dezembro de 1838. MINAS GERAIS, PP 1/42, cx 12 – pacotilha 70).

Com base em tais exercícios, torna-se possível vislumbrar de que forma os imperativos escolares atuam na escolarização dos saberes em circulação. Os conteúdos de filosofia, ao serem trazidos para as práticas de ensino da língua francesa, investem-se de novos significados, quando submetidos aos imperativos didáticos da escola que, nesse sentido, apropria-se deles para se ensinar gramática. Onde encontrará o ensino da gramática, o seu sentido, senão na escola? Não esbarramos aqui, portanto, na dimensão da cultura escolar apresentada por Chervel (1998)?

Os mapas traziam também o conteúdo gramatical a ser avaliado, e os exercícios aqui demonstrados tratam exatamente dessa questão. A seguir, vejamos o programa gramatical apresentado nos exames de 1836:

Gramática

Seu uso e propriedade. Sua divisão em nomes substantivos e adjetivos; seus gêneros, seus números, definição do artigo e dos pronomes em geral.

Do verbo, seus tempos, pessoas e numeros; formação de seus tempos, etc.

Do advérbio, preposição, conjunção, justaposição.

Da syntaxe, dos adjetivos e dos verbos; concordância do verbo com o sujeito; lugar do sujeito no verbo, regimes directo ou indirecto dos verbos.

(MINAS GERAIS, IP 3/2, cx 1 – pacotilha 54).

Os três mapas encontrados nos permitem saber das matérias dos exames: tradução, versão, leitura, gramática, composição. Nesses documentos, não encontrei menção à aptidão às vezes classificada como fala ou conversação. O que denota um distanciamento das concepções de ensino apresentadas, visto que a fala, ou conversação, estava prevista para ser praticada no ensino das línguas estrangeiras. Entretanto, é preciso dizer que o desenvolvimento da conversação não esteve ausente das práticas de ensino. O memorial do professor público, de francês, Elias Diogo e Costa, do Colégio Nossa Senhora da Assunção de Ouro Preto, revela sua prática de ensino, no ano de 1842. O conteúdo do seu memorial pode ser tomado - claro que de forma indiciária - para se pensar no funcionamento escolar. Vejamos alguns trechos:

[...] era do seu imprescriptível dever entrar nos exercicios do verdadeiro methodo que solidamente realizasse a pratica total de todos os principios inscriptos [...] no círculo gramatical da lingua Franceza [...] pois que até então se havia limitado o ensino público á rotina de simples traducções.

Enquanto ao ensino da Língua Franceza o abaixo assignado não considerou somente como assumpto de seus trabalhos o idioma traduzido; mas dirigio-tambem suas atenções áprática que transmite o idioma pela conversação familiar, bem como aquela que ensina a representa-lo por caracteres escriptos.

[...] Para o desempenho dos trabalhos gramathicais da Lingua Franceza, reclamou-se um Praticador cuja estampa graduada com sua escala de palmos e polegadas formou e apresentou o abaixo assignado, demonstrando a utilidade deste utensilio pela facilidade de patentear com hum só golpe de vista a toda huma classe atenta ainda mesmo a mais numerosa a pratica diaria da conjugação, versão, composição, ortographia, etymologia, frases peculiares do idioma. [...] Reclamarão-se os tresdicionarios de consulta para que permanentes na mesa da aula (utensilio que não existia) resolvessem nas traducções e composição as ocorrencias difíceis dos usos particulares e systema privativo da lingua; contudo não foi atendida esta urgente reclamação.

[...]. (MINAS GERAIS, PP 1/42, cx 13 – pacotilha 57).

Ao tomar os dados em seu conjunto, tanto aqueles relacionados às concepções de ensino de uma língua estrangeira, como os encontrados so-

bre a prática cotidiana escolar, mesmo considerando que esses últimos nos aproximam de forma indiciária do cotidiano da sala de aula, identifiquei a predominância de práticas de tradução, gramática e leitura no ensino da língua, mas que as outras aptidões ou princípios - o que hoje se denomina competência -, como conversação ou a escrita, não estiveram ausentes nem das concepções, tampouco das práticas de ensino.

No entanto, o exercício da tradução mostrou-se como a principal habilidade a ser desenvolvida no ensino da língua. Se os conhecimentos que circulavam por meio dos impressos encontravam-se produzidos, em sua maioria em francês, logo, a língua tornou-se mediadora; é ela, portanto, que podia promover o acesso a esses conhecimentos.

Considerações finais

A predominância de títulos diversificados, publicados em língua francesa, compondo acervos de bibliotecas públicas ou particulares, lotes comprados em leilões ou mostrando-se em anúncios de jornais, evidenciava a França como grande produtora e comerciante do conhecimento. Essa comercialização, desencadeada pelo envolvimento direto dos empreendedores da imprensa no processo de difusão de todos os tipos de saberes, levou o pesquisador Peter Burke (2003, p. 145) a utilizar a expressão “o grande negócio do iluminismo”. Temos, pois, que esse grande negócio fez notar no Brasil a partir das primeiras décadas do século XIX.

Ao considerarmos as especificidades de Minas Gerais, as práticas culturais da língua mostraram-se, sobretudo, por meio dos periódicos, nas citações de autores em epígrafes, em traduções constantes de trechos de obras; das práticas de leitura “silenciosa” em bibliotecas, com o auxílio de dicionários para auxiliar na compreensão dos termos desconhecidos, com indicação dos estudos de Morais (2002), eos relatos de 1818, do viajante francês Saint-Hilaire, que identificou a prática da leitura na província mineira, onde vários moços, cheios de nobre entusiasmo, aprenderam o francês sem ter mestres, conheciam os melhores autores e alguns até mesmo praticavam muito entre si, chegando a falar a língua de modo inteligível, auxiliados por uma gramática.

As práticas culturais, das quais tratamos, viriam justificar ou legitimar não apenas a inserção do ensino de francês na instrução pública e nos colégios particulares, mas, igualmente, nos leva a compreender a predominância do ensino da língua francesa em relação aos demais idiomas modernos, ao longo do século XIX. Temos, pois, ao decorrer de todo esse século, a língua francesa como veículo; era ela que podia mediar o acesso aos conhecimentos produzidos.

Referências

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no império. *In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (Org.). História da vida privada no Brasil: a corte e modernidade nacional.* São Paulo: Cia. das Letras, 2004, p. 11-93).

ASTRO DE MINAS (O). São João Del Rei (1827-1839). Divisão de microfilmes/Biblioteca da FAFICH/UFMG.

ARNAUD, Pierre. La mise em forme scolaire de l'éducation physique. *Revue Française de Pédagogie*, p. 29-34, 1989.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot.* Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHAMON, Carla Simone. Um educador mineiro na França: A viagem do professor Francisco de Assis Peregrino em 1836. *In: LOPES, Ana Amélia Borges de Magalhães et al. (Org.) História da educação em Minas Gerais.* Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002, p. 605-614)

CHERVEL, André. *A história das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa.* Teoria e Educação, Porto Alegre, 1990.

CHERVEL, André. *La culture scolaire: une approche historique.* Paris: Belin, 1998.

FREYRE, Gilberto. *Um engenheiro francês no Brasil.* Rio de Janeiro: José

Olympio, 1940. Documentos brasileiros, v. 26.

HEBRARD, Jean. Três figuras de jovens leitores: alfabetização do ponto de vista da história cultura. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. p. 33-77.

JORNAL DA SOCIEDADE PROMOTORA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA (O). Ouro Preto (1832 – 1834). Biblioteca Nacional, RJ.

MESTRE Francez ou Novo Methodo para Aprender com Perfeição, e ainda sem Mestre a LinguaFranceza por meio da Portugueza, confirmado como exemplos escolhidos e tirados dos Melhores Authores, offerecidoá estudiosa Mocidade Portugueza por F.B.D.L. Lisboa, 1781. Divisão de Obras Raras. OR PERI 0023, séc. XVIII.

MINAS GERAIS. Arquivo Público Mineiro. *Correspondências recebidas* (1824-1863). Presidência da Província. SP PP 1/42, cxs 1 a 14.

MINAS GERAIS. Arquivo Público Mineiro. *Documentação interna: despesas, editais, etc.* – 1835-1889. Instrução Pública. SP IP 3/5, cx 4.

MINAS GERAIS. Arquivo Público Mineiro. *Documentação interna: mapas, aulas, posses, matrículas, etc.* – 1827-1839. Instrução Pública. SP IP 3/2, cx 1.

MORAIS, Christianni Cardoso. *Para o aumento da instrução da mocidade da nossa pátria: estratégias de difusão do letramento na Vila de São João Del Rei* (1824-1831). 2002, Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos, imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial* (1820-1840), Ed. Hucitec, 2005.

SAINT-HILAIRE, Augustede. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

UNIVERSAL (O). Ouro Preto (1825-1842). Divisão de microfilmes/Biblioteca da FAFICH/UFMG.

VIGILANTE (O). Sabará (1833-1835). Divisão de microfilmes/Biblioteca da FAFICH/UFMG.